



GEOGRAFIA E GÊNERO: COMPREENDER AS IDENTIDADES DE GÊNERO E INCENTIVAR O EXERCÍCIO DE EMPATIA SOBRE A POPULAÇÃO TRANS

Antônio Ananias Nogueira Netto
antonio_netinhoo@hotmail.com

Luiz Carlos dos Santos Júnior
luiz.jr22@hotmail.com

207

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender e analisar as relações de gênero nos estudos geográficos abordando a identidade de gênero *trans*, pertencente à comunidade LGBT e seu papel espacial, visando à busca pelo maior exercício da empatia. Para cumprir o objetivo proposto faremos uma análise geral dos resultados obtidos através da elaboração de entrevistas e sua aplicação àqueles indivíduos que satisfazem os requisitos preestabelecidos. Tomaremos como base conceitual a definição de Gênero abordado dentro do subcampo de pesquisa em Geografia Cultural e sintetizaremos conceitos sobre identidade de gênero - *cis* e *trans* -, heteronormatividade e o papel que cada indivíduo exerce nesses espaços geográficos e suas vivências.

Palavras-chave: Geografia Cultural, *cis*-gênero, *trans*-gênero, heteronormatividade, empatia.

INTRODUÇÃO

Ao final da década de setenta, os primeiros trabalhos de Gênero foram abordados na Geografia norte americana anglo-saxônica. Dessa maneira, as pesquisas no subcampo da Geografia Cultural abordam o tema Geografia e Gênero apresentado nesse estudo, colaboram para o enfoque sobre as identidades de gênero. Mesmo com os avanços adquiridos na área de estudo, faz-se necessário adquirir uma visão mais empática do próprio pesquisador e o público avaliado sobre o tema

ANAIS DO 3º WORKSHOP DE GEOGRAFIA CULTURAL: O lugar e as disputas da cultura no espaço
19 e 20 de julho de 2017
UNIFAL-MG - Alfenas-MG
www.unifal-mg.edu.br/geografia/workshopdegeografiacultural

identidade de gênero logo, gênero *trans*. No decorrer da investigação, tornou-se evidente a dificuldade sobre abordagem do tema pelo mesmo ainda ser considerado um tabu social. Para Silva (2009), essa dificuldade sobre o debate de Gênero nas pesquisas deve-se ao fato de que a Geografia ainda se baseia nos resquícios de traços tradicionais positivistas que persistem na compreensão do espaço material e descritivo. Sendo assim, a Geografia Cultural visa o estudo da percepção humana do indivíduo *trans* e sua geograficidade. As relações dos atores sociais com o espaço revelam os “recortes desta realidade que nos permitem uma maior compreensão do todo” (VELEDA, 1998; p. 105), e é por essa razão que o essa pesquisa se baseia na autorreflexão dos indivíduos *cis*-gêneros heteronormativos e os instiga através da entrevista aplicada, o exercício da empatia.

O presente artigo busca facilitar o acesso à informação para a população *cis* e heteronormativa que por vezes desconhece a existência, o cotidiano e o modo de vida da comunidade LGBT, na qual, as pessoas *trans* estão inseridas e o espaço geográfico que as mesmas ocupam. Além disso, é esperado que toda a população avaliada e os demais leitores se conscientizem gerando a mudança necessária aos conceitos e ações para que mulheres e homens *trans* se sintam confortáveis para ocupar todos os espaços que atualmente são negados a essa comunidade. Dessa forma, é possível criar um ambiente igualitário concebido através do debate sobre o assunto. O projeto visa estimular a autorreflexão e capacidade das pessoas se colocarem no lugar de outras para que assim, haja respaldos positivos para a qualidade vida e o bem estar aos respectivos indivíduos *trans*.

OBJETIVOS

Geral

Persuadir a reflexão e o questionamento às pessoas *cis* heteronormativas sobre questões de identidade de gênero enfatizando a existência do gênero *trans*, visando à melhoria no bem estar e na qualidade de vida desses indivíduos pertencentes à comunidade LGBT.

Específicos

- Elaborar entrevistas com mulheres e homens transexuais para estabelecer um fundamento teórico que auxiliará no desenvolvimento do questionário aos indivíduos *cis* heteronormativos;
- Expor as diferenças entre as identidades de gênero *cis* e *trans* didaticamente, auxiliando no entendimento daqueles que não compreendem o tema e assim, teorizar a heteronormatividade;
- Aplicar uma entrevista semi-estruturada à população *cis* heteronormativa induzindo a autorreflexão sobre questões de gênero *trans*;
- Descrever o perfil da população avaliada e traçar seus conhecimentos sobre o assunto;
- Incentivar as pessoas *cis* heteronormativas a se colocarem no lugar dos indivíduos *trans* e, assim, inspirar o maior exercício da empatia.

METODOLOGIA

Foi elaborada uma entrevista com um homem e uma mulher *trans* para arquitetar o fundamento teórico visando à estruturação de uma entrevista semiestruturada a ser aplicada ao público *cis* heteronormativo com o intuito de avaliar o conhecimento das pessoas *cis*-gêneros acerca do tema abordado na pesquisa. O diálogo apontado na entrevista consistiu em cinco questões que simulavam as vivências relatadas por estes indivíduos *trans* incorporados nos seguintes temas: a confortoabilidade do mesmo em espaços públicos e privados como o trabalho, as oportunidades oferecidas, a dificuldade dos sujeitos *cis* heteronormativos de compreenderem a temática transexualidade como um gênero e a percepção do ser como um indivíduo *trans*. O embasamento teórico se fundamentou na análise qualitativa das entrevistas aplicadas a um homem e uma mulher *trans* alicerçado às seguintes questões:

1. Estando em lugares públicos, como praças, shoppings, bares, você se sente seguro(a)?
2. Como você se sente durante o trabalho? Você acha que existe muito preconceito sendo um(a) homem/mulher *trans* trabalhando?
3. Você acha que o fato de ser um(a) homem/mulher *trans* as oportunidades são mais difíceis?
4. Quando falamos sobre gênero, o que você pensa em relação às outras pessoas que não conseguem enxergar o gênero na temática da transexualidade? Isso seria devido ao preconceito existente na sociedade?
5. Sabemos que é importante a discussão sobre transexualidade, o que você pode nos falar sobre a sua vivência?

Destarte, foi efetuada uma discussão e análise dos resultados obtidos a partir das respostas dos entrevistados, ressaltando o teor argumentativo de cada um. O conteúdo extraído serviu como fundamento para construção da entrevista semiestruturada de forma quali-quantitativa ao público *cis* heteronormativo visando o incentivo das práticas empáticas dos mesmos. Foram entrevistados 26 (vinte e seis) indivíduos que se identificavam com o gênero que lhes foi designado no nascimento, isto é, *cis*-gêneros e que heteronormativos. Inicialmente, na primeira abordagem, o(a) entrevistado(a) deveria responder se ele sabia as diferenças entre indivíduos *cis*-gêneros e *trans*-gêneros. Devido à ausência de informação do conteúdo aqui abordado sobre as identidades de gênero, fez-se necessário uma explicação prévia sobre o tema aos(as) entrevistados(as) que desconheciam as diferenças entre pessoas *cis*-gênero e *trans*-gênero. Já àqueles e aquelas *cis*-heteronormativos(as) que sabiam do que se tratava a temática, deu-se continuidade a entrevista.

Dessa forma, a tática argumentativa para driblar o obstáculo da ausência desse conteúdo foi à criação de imagens didáticas que distinguiam as identidades de gêneros abordadas no vigente artigo.

A **Figura 1** ilustra “o cérebro” onde as identidades de gênero homem (verde) e mulher (rosa) – *cis* ou *trans* – são lidas e compreendidas; “o coração” em vermelho representando as diferentes orientações sexuais - homossexual, bissexual e heterossexual - ligadas a afetividade e o sexo biológico em azul exprimindo a diferença entre o macho e fêmea de acordo com a “genitália” (pênis ou vagina, respectivamente).

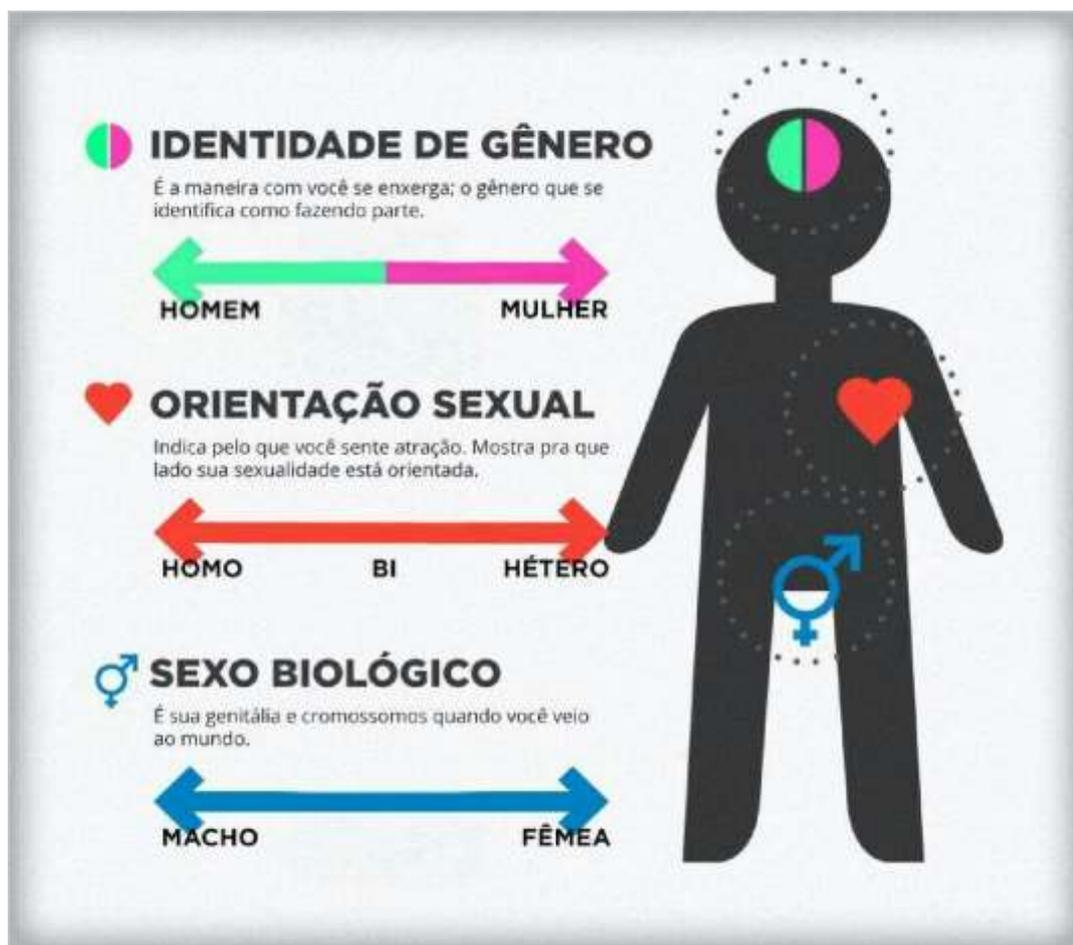


Figura 1. “O cérebro, o coração e a genitália”

Fonte: <http://mercadopopular.org/2015/07/uma-perspectiva-liberal-sobre-identidade-de-genero/>

A **Figura 2** aborda a identidade *cis*-gênero e a ilustra a identificação do gênero (homem e mulher) com o sexo biológico atribuídos no nascimento e, assim, correspondendo às expectativas da norma social e cultural de gênero. O “homem *cis*”

compreendido na cor verde e com o sexo biológico macho e a “mulher *cis*” representada na cor rosa e com o sexo biológico fêmea.



Figura 2. Identidade de gênero - cis-gênero

A **Figura 3**, por conseguinte, ilustra a identidade *trans*-gênero exprimindo a não identificação dos indivíduos com o gênero que lhes foi atribuído no nascimento, portanto, exemplificados na figura do homem *trans* na cor verde e com o sexo biológico fêmea e a mulher *trans* na cor rosa e com sexo biológico macho.

IDENTIDADE DE GÊNERO TRANS-GÊNERO

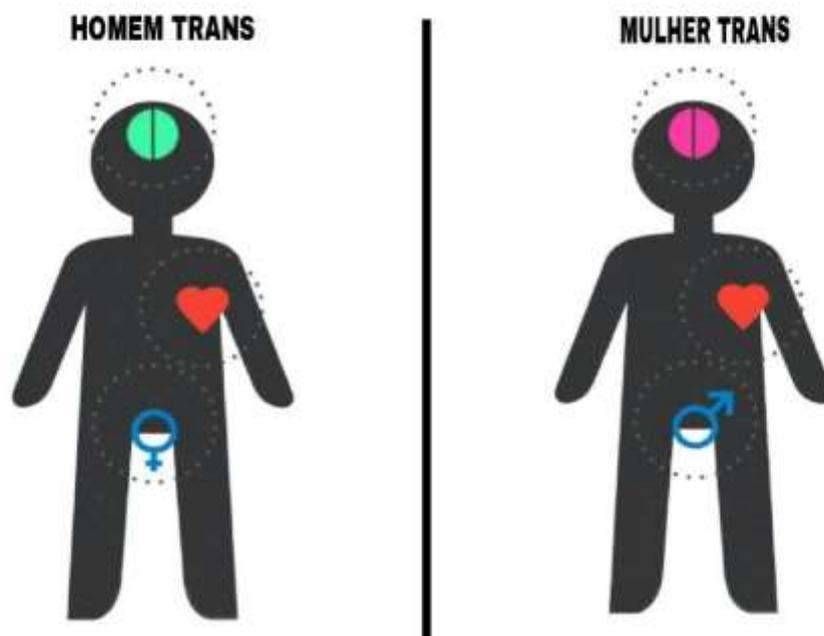


Figura 3. Identidade de gênero – trans-gênero

Após a explicação, sobre as diferenças entre as identidades de gênero aos indivíduos que desconheciam o tema e que se enquadravam no perfil *cis-gênero* heteronormativo requisitado pela entrevista. Em suma, foram aplicadas as seguintes perguntas:

Para responder inicialmente a esta entrevista, você deverá responder a seguinte questão: “Você sabe a diferença entre indivíduos *cis-gêneros* e *trans-gêneros*?”.

Sim () Não ()

Se sua resposta for “sim”, prossiga respondendo as perguntas e sua resposta for “não”, diga ao entrevistador que você não compreende o assunto e o mesmo tentará explicar a diferença entre as identidades de gênero para que você prossiga com a entrevista.

1. Sabendo a diferença entre *cis* e *trans*, você se sentiria confortável no seu local de trabalho/estudo sendo uma pessoa *trans*?
2. Sabemos que a transexualidade não é um assunto muito debatido nas mídias, nas escolas e etc. Você acha que é necessário uma maior abordagem nesses espaços para sensibilizar a população sobre o tema?
3. Se você fosse uma pessoa *trans*, o que você faria para se sentir confortável em espaços públicos? Pois sabemos que o preconceito está presente.
4. Sabemos que o cotidiano das pessoas *trans* é difícil devido ao preconceito que está enraizado. O que você faria mediante a uma cena de preconceito?
5. Se você fosse um indivíduo *trans*, acredita que teria as mesmas oportunidades que têm hoje sendo *cis* heteronormativo?

Os resultados obtidos através das entrevistas aos indivíduos *cis* heteronormativos foram analisados e discutidos traçando o perfil dos entrevistados juntamente com os seus respectivos conhecimentos sobre o assunto. Ao final de cada entrevista, foi debatido com o(a) entrevistado(a) se o conteúdo explicado pelas imagens e a entrevista resultaram na maior percepção e sensibilização sobre a temática. Foi feita uma análise geral do conteúdo administrado tanto na abordagem quanto na indagação sobre a proposta de autorreflexão e também foi realizada uma discussão dos resultados para assim, ver se objetivo se foi ou não atingido.

GÊNERO E GEOGRAFIA, IDENTIDADES DE GÊNERO E HETERONORMATIVIDADE

Segundo a Revista espanhola “*Documents d'Anàlisi Geogràfica*” (1982) os primeiros trabalhos que abordaram a temática de Gênero surgiram na Geografia norte-americana e anglo-saxônica no final da década de setenta e em oitenta na Espanha. Mesmo com os avanços nas pesquisas desde então, o conhecimento adquirido sobre o tema e a abordagem geográfica sobre as relações de gênero, sobretudo identidade

de gênero *trans* requerem uma visão mais empática acerca da atuação desses indivíduos com o espaço aos quais os mesmos estão inseridos. Tal dificuldade de inserção da perspectiva de gênero deve-se ao fato de que ainda há uma tradição geográfica positivista que persiste na necessidade compreender o aspecto material do espaço (SILVA, 2009).

Diferente da Geografia Tradicional positivista que buscava compreender os aspectos da espacialidade materialista e descritiva, a Geografia Cultural se insere na perspectiva humana, buscando entender a imaterialidade da geograficidade, as diferentes relações com o meio vivido, os valores adquiridos e as simbolizações dos diferentes atores sociais pertencentes a esses espaços. Dessa forma, é possível estabelecer uma linha de pensamento acerca do debate sobre questões de Gênero dentro do subcampo da Geografia Cultural.

Portanto, no campo de pesquisa de Geografia Cultural os espaços onde o Gênero pode atuar e se correlacionar devem ser delimitados. Segundo Martinez (1995) existem três principais áreas onde a Geografia pode estabelecer seus enfoques sobre gênero. São elas:

- “1) as relações existentes entre gênero e conceitos chaves na Geografia como são o espaço, lugar e natureza;
 - o espaço enquanto construção social e de gênero,
 - o conceito de lugar e a importância que em sua definição introduzem as diferenças de gênero,
 - a relação entre gênero e natureza (o meio ambiente em seu sentido amplo);
- 2) as diferenças territoriais nos papéis e relações de gênero;
- 3) o uso e experiência diferenciais do espaço entre homens e mulheres, em distintas escalas: desde a escala local (utilização do espaço cotidiano, por exemplo), a global (movimentos migratórios transnacionais)” (MARTINEZ, 1995; p.18).

Para compreender a identidade de gênero, primeiramente devemos entender o conceito de gênero. Gênero é tudo aquilo que se faz referência às diferenças construídas cultural e socialmente entre homens e mulheres e que condicionam relações de poder (VELEDA, 1998; p.107). Em outras palavras, gênero se restringe as

relações de dominação e subordinação, sendo o homem representante do papel hegemônico de superioridade às mulheres no cotidiano social e cultural.

Ao compreender o conceito de gênero e suas implicações, definiremos as identidades de gênero. Segundo Pimentel (2012), os corpos sexuados são tatuados pela natureza, sendo a principal tatuagem as genitálias que designam os papéis desempenhados pelos homens e mulheres em seus modos de ser ou viver. Gomes (2012) define identidade de gênero a partir da terminologia *cis* e *trans*, expondo suas principais diferenças:

“Chamamos de cisgênero, ou de “cis”, as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído quando ao nascimento. [...] Denominamos as pessoas não-cisgênero, as que não são identificam com o gênero que lhes foi determinado, como transgênero, ou trans.” (GOMES, 2012; p.10).

Por conseguinte, homens e mulheres *trans* que “desviam” de comportamento social e cultural esperado ou que contrariam a soberania masculina expressando uma releitura dos seus corpos são coagidos e coagidas a se adequarem às normas de gênero. Tal norma compreende e dimensiona a autoridade masculina sobre a mulher e, conseqüentemente, as relações resultantes desse convívio. Mediante o exposto, o termo que exprime a significância estabelecida por essa troca revela o uso da expressão *heteronormatividade* – comumente utilizada nos movimentos de militância LGBT –, abarcada no contexto da orientação sexual heterossexual e associada à norma de gênero. Heteronormatividade ou indivíduos heteronormativos são àqueles que correspondem às expectativas impostas pela sociedade, ou seja, o homem ou a mulher que se identifica com sua genitália sendo o sujeito impreterivelmente heterossexual ou que não manifesta nenhum tipo de comportamento divergente ao da norma de gênero. Segundo Pimentel (2012), heterossexualidade é padronizada como uma norma social.

“A heterossexualidade é o modelo de normalidade. [...] heterossexualidade, por fazer parte de um arranjo biopolítico, avança sobre movimentos reivindicatórios. O imperativo biológico tenta se manter de alguma forma por meio de corpos inertemente sexuados [...]” (PIMENTEL, 2012; p. 199).

Portanto, quando uma pessoa se identifica como homem ou mulher *trans*, as suas relações com o espaço tornam-se – na maioria dos casos – um tanto quanto ríspidas e violentas, pois o modelo de normalidade heterossexual dita como esse indivíduo deve se comportar nos espaços perante a sociedade. Dessa forma, podemos afirmar que não só as mulheres *cis* como também os homens e mulheres *trans* são vítimas da repressão masculina e heteronormativa acerca do gênero e a identidade de gênero pertencente a esse grupo oprimido não só cultural como também socialmente.

RESULTADOS

Ao entrevistarmos as pessoas que são *trans*, percebemos que a realidade da vida desses indivíduos é bem mais difícil. O medo e a sensação de insegurança perante diversas situações estão estampadas no rosto e nas respostas quando falamos sobre questões de segurança, trabalho e lazer. Vimos que essa parcela da população sofre com o descaso do poder público, sofre com o preconceito e esse sentimento enraizado junto com a heteronormatividade faz com que as pessoas *trans* tenham direitos básicos negados apenas por serem quem elas são.

Diante das respostas dos vinte e seis entrevistados *cis*-heteronormativos, podemos perceber algumas diferenças nas opiniões sobre a temática da transexualidade. Constatamos que algumas pessoas não sabiam a diferença entre *cis* e *trans* no qual gerou necessidade de aplicação da abordagem ilustrativa elaborada por este artigo e após a compreensão do tema a entrevista se perpetuou. Com isso, cerca de 30,8% dos entrevistados não sabiam a diferença entre pessoas *cis*-gêneros e *trans*-gêneros, seguidos por 69,2% dos entrevistados sabiam do que o assunto se tratava. Notou-se também que muitas pessoas concluem que o preconceito infelizmente está enraizado, porém há uma necessidade extrema da quebra desse tabu, pois isso só alimenta o ódio e a violência. De acordo com os dados apresentados pelo Senado brasileiro, o nosso país é o que mais mata travestis e transexuais no mundo, um dado alarmante.

De maneira geral, as divergências no ponto de vista de cada um quando falamos que o debate tinha que ser realizado nas escolas e mídias, se tornaram evidentes.

Algumas pessoas falaram que a discussão sobre o assunto deveria ser feita com restrição à faixa etária e outras disseram que o debate tem que ser feito com as crianças desde pequenas para que as mesmas criem um pensamento coletivo de empatia para a minoria *trans* que é diariamente oprimida, isso baseado na premissa de que o preconceito seria minimizado pelo debate precoce, fazendo com que ao atingirem a idade adulta, elas já se sintam capazes de viver em harmonia com as pessoas *trans*.

O objetivo do diálogo que consistiu na criação do sentimento de empatia aos indivíduos *cis*-gênero heteronormativos sobre a população *trans*-gênero foi alcançado, pois as pessoas realmente se colocaram nos lugares dos(as) indivíduos *trans* quando expuseram suas opiniões acerca da sensação de desconforto em espaços públicos, local de trabalho ou instituições educacionais ou até em seus convívios familiares sendo uma pessoa *trans*. Tendo em vista os resultados obtidos a partir da entrevista, podemos evidenciar que felizmente percebemos que o preconceito está sendo trabalhado para que o mesmo diminua, a empatia realmente está se fazendo presente aos poucos. Entretanto, infelizmente sabemos que esse pensamento livre das premissas intolerantes e preconceituosas perdura a uma ínfima minoria da população e isso se deve a construção de um pensamento de igualitário e respeitoso para com os outros e a falta de informação sobre o tema – dificultando o exercício da empatia, fortalecendo o preconceito e, conseqüentemente, a violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo evidenciou a necessidade da inserção de debates sobre as questões de gênero *trans*, pois o desconhecimento sobre o assunto consolida a intolerância. Assim, a proposta ilustrativa elaborada sobre as diferenças entre as pessoas *cis*-gêneros e *trans*-gêneros, buscou simplificar o tema para os(as) leitores(as) e os(as) entrevistados(as) auxiliando na compreensão do mesmo. É notório que dessa forma, o acesso à informação e o estímulo do indivíduo *cis* heteronormativo a se colocar no lugar de uma pessoa *trans* e entender suas vivências com o espaço

geográfico é aprimorado e exercitado. Com isso, haverá uma melhoria irrefutável na qualidade de vida e bem estar da população *trans* e isso será apenas uma consequência alcançada a partir das mudanças nas ações daqueles indivíduos *cis* heteronormativos que insistem em disseminar o preconceito através da insipiência sobre o assunto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOMES, Jaqueline J. de. Orientações sobre Identidade de Gênero: Conceitos e Termos - **Transgener(al)idades**. Revista e Ampliada, 2ª Ed., Brasília-DF, 2012.

MARTINEZ, Ana S.; MOYA, Juana R. e MUÑOZ, M. **Mujeres, Espacio y Sociedad – Hacia una Geografía del Género**. Síntese. Madrid, Espanha, 1995.

PIMENTEL, Ricardo M. Corpos, Heteronormatividade e Performances Híbridas. Psicologia e Sociedade. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza-CE, 2012.

SILVA, J. M. **Gênero e sexualidade na análise do espaço urbano**. Geosul, v. 22, n. 44, p117-134; Florianópolis-RJ, 2007.

VELEDA, Suzana M. da Silva. **Geografia e Gênero/Geografia Feminista o que é isto?** Boletim Gaúcho de Geografia n. 23, p. 7-144, AGB-PA, Porto Alegre-RS, 1998.